

Biblioteca Anarquista



Minha União fundada sobre nada

Spooky

Spooky
Minha União fundada sobre nada
2022

Obtido em 07/11/2023 de <https://c4ss.org/content/56027>

bibliotecaanarquista.org

2022

Conteúdo

Todos os coletivos são nada para mim	3
Minha União	4
A causa da minha União	6
O “nada”	7

“O divino é a causa de Deus, o humano a causa do homem. A minha causa não é nem o divino nem o humano, não é o verdadeiro, o bom, o justo, o livre, etc., mas exclusivamente o que é meu. E esta não é uma causa universal, mas sim... *única*, tal como eu.

Para mim, nada está acima de mim!”

— Max Stirner

A pior coisa que eu poderia fazer num ensaio sobre o egoísmo, na minha opinião, seria enquadrar minha própria posição somente através das ideias de um *edgelord* alemão há muito falecido. Se você está procurando uma reportagem de livro sobre *O único e sua propriedade*, este ensaio não é isso. Eu recomendaria *Stirner's Critics* se você quiser uma breve introdução ao seu egoísmo.

Todos os coletivos são nada para mim

Sim, estou literalmente dizendo que as minhas “Uniãos” — amizades, alianças políticas, parcerias românticas (ou falta delas) e todas as associações livres — existem com base em “nada” a não ser a minha própria vontade. Isso significa que tenho menos amigos ou que estou mais distante como pessoa? Será que a minha falta de compromisso com uma causa como “a revolução” ou o “comunismo pleno” me reduz a nada mais que um vigarista? Pelo que sei, não sou mais recluso do que qualquer outra pessoa (no momento da publicação), e as amizades que tenho são relativamente saudáveis, eu acho. Isso acontece porque meus relacionamentos não me governam; nenhum vínculo superior me liga a ninguém e nenhuma característica compartilhada me alinha inerentemente com qualquer outro indivíduo. Por causa disso, vejo as Uniãos como associações estáveis, mas caóticas, com pessoas em quem posso contar para necessidades materiais, apoio emocional, ajuda mútua ou apenas boa companhia. A minha contribuição para a minha União não provém da coerção ou pressão externa, mas da minha própria apreciação das pessoas que nela fazem parte e do meu desejo de torná-las felizes, seguras e livres.

Uniãos Fixas, com as quais quero dizer coletivos rígidos para os quais sou inconscientemente convocado (por exemplo, americano, branco, mulher, homem, etc.) não são tanto uma União, mas uma negação da mi-

nha personalidade, confinamentos que atribuem certos comportamentos e características para mim na tentativa de me despojar da minha singularidade. Se compartilho alguma coisa com membros de um determinado coletivo é completamente irrelevante, acabando por não conseguir nada no final da descrição de quem sou ou como me comporto. Posso ter muito em comum com outros anarquistas *queer* não binários com rendimentos familiares moderados, mas eu e esse indivíduo hipotético ainda somos entidades irrefutavelmente únicas e separadas. Se eu decidir não me associar a uma determinada identidade coletiva, então o coletivo está fora da minha União e é irrelevante para mim; ao rejeitar a União Fixa, ela não me fornece nada e eu não lhe dou nada em troca. Nossos interesses não se cruzam, por isso não nos associamos.

Por mais estranho que possa parecer, a minha União fundada sobre “nada” é infinitamente mais forte do que as Uniões Fixas fundadas sobre “alguma coisa”. Para ilustrar o que quero dizer, examinemos “a nação”, um exemplo perfeito de União Fixa. Seu interesse é a sua própria preservação a qualquer custo. Dentro da “nação”, não é possível agir totalmente pela própria causa, pois é sempre necessário considerar o que a “nação” sofreria sob a sua autonomia. A violência por si mesmo — defensiva ou não — é, na melhor das hipóteses, desencorajada, se não totalmente punida, mas a violência para o bem da nação é incentivada (imunidade qualificada, benefícios de alistamento, privilégio de gangues de rua fascistas, etc.). Numa tal União, não há intersecção de interesses egoístas ou um desejo partilhado de coexistência, mas sim uma fé evangélica na legitimidade da União Fixa. Ignoramos a nossa singularidade, permitindo-nos ser governados pela União Fixa como se esta fosse uma entidade real com poder genuíno sobre os seus constituintes; na realidade, é outra abstração rígida que precisa ser desmantelada por dentro.

Minha União

Num artigo anterior, escrevi que “Queeridade é fundamentalmente uma declaração de singularidade.” Para meus propósitos aqui, quero destacar os últimos pontos:

“Um fundamento central de qualquer perspectiva individualista legítima é que cada ser humano é único, na medida em que rótulos estáticos nunca podem descrever uma pessoa de forma suficiente, daí a oposição

velar o vazio da União, somos capazes de expandir as nossas associações muito além das fronteiras de classe, cultura e identidades fixas, aliviados pelos compromissos elevados que nos distraem da nossa própria causa. O “nada” liberta-nos uns dos outros, das nossas ideias e dos compromissos que somos obrigados a fazer em prol de ideias fixas.

O meu objetivo aqui é sugerir que a minha União, apesar do que alguns possam afirmar, não é formada com base em nenhuma causa maior. Minha União é egoísta, formada entre mim e os outros como resultado de interesses mútuos e cruzados um pelo outro. Não sirvo a mim mesmo às custas dos outros e não sirvo aos outros às custas de mim; eu e outros indivíduos únicos, juntos, formamos uma União através das nossas causas egoístas combinadas. Nenhuma narrativa, estrutura metafísica ou determinismo pode descrever adequadamente a minha União. Afinal, afirmar que existe algo onde nada existe exige mentir por omissão, geralmente às custas da singularidade.

Nas nossas tentativas de alcançar “dignidade e autonomia universais para todos”, é absolutamente necessário reconhecer o único, a união egoísta e os vazios que nela existem. No momento em que começamos a sugerir estruturas rígidas e fixas sob as quais os indivíduos “deveriam” associar-se, deixamos de ser anarquistas.

às tentativas “coletivistas” de colocar as pessoas em caixas que nunca caberão nelas.

Queeridade é fundamentalmente uma declaração de singularidade. Por quem nos sentimos atraídos, como queremos apresentar, o que fazemos com nossos corpos e muitos outros aspectos de nossas identidades são definidos em nossos próprios termos, sujeitos apenas à contribuição de ninguém, a não ser a nossa.”

Pouco depois de essa peça ter sido publicada, comecei a referir-me a mim mesmo como um “anarquista *queer* sem adjetivos”, não apenas para indicar a minha própria estranheza implacável, mas porque o conceito de queeridade se tornou cada vez mais significativo para a minha perspectiva. Num sentido geral, somos todos estranhos, esquisitos, um desvio de ideias fixas sobre o que uma “pessoa” deveria ser. A noção de “ordem social”, portanto, requer necessariamente uma supressão da singularidade individual — “casos extremos” que precisam de ser orientados para o “normal”. A antropologia, a psicologia e a maior parte das ciências sociais legítimas afirmam, pelo menos até certo ponto, que a organização do mundo é um ato de projeção; à parte, talvez, os essencialistas mais liberais dentro de qualquer campo, há um reconhecimento de que as heurísticas e os atalhos mentais que usamos para categorizar os indivíduos são atos de insistência deliberada, rejeições necessárias de valores discrepantes em prol de um diálogo eficiente, em vez de descobertas da verdade objetiva.

Vamos considerar indivíduos que se identificam com o rótulo “lésbica trans não branca”. Lésbicas trans não brancas não são todas iguais e, nas comunidades trans, lésbicas e não brancas, respectivamente, há um grau infinito de desvio e singularidade que não pode ser totalmente capturado por esses termos. As pessoas são únicas, não importa quantos rótulos compartilhem entre si, e não há experiência que possa realmente, em qualquer sentido significativo, ser completamente “compartilhada”. Ao reconhecer isso, podemos usar essa terminologia como *descritiva* em vez de *prescritiva*; é possível reconhecer a individualidade de pessoas que poderiam ser descritas por determinados termos sem reforçar a imagem de uma “pessoa” ideal. Seguindo o nosso exemplo, não é difícil argumentar que um indivíduo que se identifica como uma lésbica trans negra provavelmente já sofreu queerfobia e racismo, mas afirmar que eles necessariamente devem compartilhar certas experiências com outras pessoas para serem “válidos” é excludente, uma rejeição do Único na busca de uma essência que não existe.

Infelizmente, essa é a direção que muitos autoproclamados aliados e abolicionistas tomam nas suas análises. Numa tentativa desesperada de obter o apoio de centristas e autoritários, o Único é descartado na busca de uma normalidade reformada. Em vez de abraçar a liberdade total dos indivíduos de se identificarem e apresentarem qualquer identidade que escolham, a queeridade (no sentido geral de inconformidade) é reduzida a um aspecto “além do nosso controle”, descartando o fanatismo genocida da direita evangélica não principalmente como uma violação da liberdade, mas como um meio ineficaz de impor a ordem social errada. Para esses liberacionistas *textbankers*, a assimilação numa sociedade de tolerância, definida por um *melhor* status quo, é o melhor que podemos fazer realisticamente; qualquer sugestão mais radical, nesse contexto, só pode ser obra de infiltrados maliciosos que ameaçam “a comunidade”.

Embora seja uma melhoria marginal em relação ao estatismo policial da supremacia branca, essa utopia progressista é, em última análise, um fraco substituto para a libertação total, uma vez que as suas premissas ainda são definidas por ideias fixas (humanismo, racionalismo, teoria do contrato social, etc.). Para ser franco, qualquer “radicalismo” autoproclamado que estremeça diante da ideia de abolir a própria normalidade é insuficiente na aceitação total da queeridade e do Único. Enquanto existir uma ideia fixa de personalidade normal e de valor neutro, a experiência dos desviantes será codificada em relação a uma personificação inexistente de uma média social, em vez de um modo único de ser.

A causa da minha União

No processo de participação na minha União, estou dando-lhe poder sobre mim? Poderia eu ser enganado por atores mal-intencionados fazendo-o pensar que o altruísmo é do meu interesse? As Uniões Fixas também são suscetíveis a violações de confiança, infiltração e outros comportamentos prejudiciais em uma extensão muito maior do que o meu ou qualquer outra União. Isso não é necessariamente porque a minha União e outras semelhantes contêm pessoas melhores, mas sim o resultado de uma diferença em nossas causas — os nossos motivos principais como entidades.

A “causa” da minha União é, a rigor, nada. Não é uma entidade real que governa os indivíduos envolvidos, mas um reconhecimento da inter-

secção dos nossos interesses próprios. Nunca faço amizade com alguém porque ambos temos interesse em “preservar nosso vínculo”; minhas amizades existem porque eu e outra pessoa *queremos* estar perto um do outro por algum motivo. Se o tempo que passamos juntos se tornar emocionalmente desgastante, tóxico ou de outra forma indesejável, essa amizade (ou seja, Minha União) se dissolverá, passiva ou espontaneamente, permanente ou temporariamente. Não há nenhum momento em que ambos sacrifiquemos a nossa singularidade para manter a União, uma vez que a sua causa não é a autopreservação. A causa da minha União não é, como disse anteriormente, nada. A sua existência é governada pelo nosso interesse comum uns pelos outros, e não o contrário.

Até certo ponto, isso contraria a teoria de classes, particularmente as suas manifestações mais essencialistas. Como disse anteriormente, há uma justificação prática para categorizações como a análise de classe como um quadro descritivo, uma vez que permite uma ação mais dirigida contra entidades capitalistas de Estado dominantes. O problema, claro, é quando tais sistemas pretendem descobrir uma essência para a identidade de alguém com base na sua relação com o Estado, os meios de produção e as instituições existentes. Além de ser uma mentira completa, essa abordagem essencialista leva a uma dependência filosófica de ideias fixas (a legitimidade do Estado, uma necessidade inerente de hierarquia, o benefício inequívoco do aumento da escala, “direitos” à autodeterminação nacional, etc.) que, em última análise, impedem que muitas teorias se tornem totalmente libertadoras e, na prática, reduzem os seus esforços a gestos reformistas no sentido de uma “mudança real”.

Na busca pela “legitimidade” aos olhos de um público amplamente definido, distanciamos-nos do Único numa tentativa de construir um “movimento de massas”, reunindo um coletivo consciente de trabalhadores em torno da noção de que a sua ação como parte de um movimento maior todo é onde reside o verdadeiro poder.

O “nada”

Ao revelar o vazio da União, fixo ou não, não quero apontar para um modelo arbitrário de organização em resposta aos nossos inimigos existentes ou às lutas materiais que persistirão na ausência do Estado, nem quero necessariamente descartar totalmente qualquer modelo específico. Ao re-